

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXIII



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1984

Regio VII (Etruria): *Falerii Novi* (Ivan di Stefano Manzella);

Regio IX (Liguria, Alpes Maritimae): suplemento aos índices onomásticos de GIL Y (Giovanni Mennella).

Parece-nos bem adequada a estrutura seguida em cada um dos suplementos: *corpora* que se actualizam; bibliografia epigráfica e outra bibliografia essencial; adendas e correcções às notícias históricas e, depois, aos monumentos epigráficos contidos nos *corpora* que se actualizam; textos novos.

Essas adendas não constituem uma revisão «absolutamente sistemática» mas tão-somente uma recolha de notas e observações complementares feita no decorrer dos trabalhos de revisão. A apresentação tipográfica dessa parte acaba por ser cómoda e pouco onerosa: não se fazem parágrafos, apenas os números das inscrições revistas se destacam bem, a negro.

De cada novo texto, dá-se a fotografia com escala (as fotografias são, dum modo geral, boas); a descrição sumária; local de achado e paradeiro actual; bibliografia; leitura e pequeno comentário. A leitura é apresentada em minúsculas, linha por linha. Utilizam-se os sinais diacríticos já preconizados por Silvio Panciera em *Tituli* 2. 1980 p. 205-215 (cfr. «Gonimbriga» XXI 1982 p. 208-209), e a pontuação só é referida no comentário. Este é, em geral, muito sintético, sem notas de rodapé.

Cada suplemento dispõe de índice próprio, gizado nos moldes dos do *AE*. Os poliónimos são sempre apresentados na totalidade e repetidos tantas vezes quantos os seus elementos constituintes; o capítulo dos *notabilia varia* foi oportunamente cindido em *res* e *verba*.

A simples enumeração do conteúdo da obra dá, sem dúvida, a exacta ideia do seu enorme interesse, não só como recolha epigráfica mas inclusive do ponto de vista metodológico. Os nossos votos — que outros volumes se lhe sucedam e que outras instituições europeias lancem ombros a iniciativas congêneres.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

CABYLE. Tomo I. Éditions de l'Académie Bulgare des Sciences. Sófia, 1982, 167 págs., ilustr.

O primeiro duma série de estudos monográficos sobre a cidade antiga de Gabylé, na actual Bulgária.

Habitado desde finais da Idade do Bronze, em zona de boas aptidões agrícolas e de excelentes condições estratégicas, o sítio de Cabylé transformou-se em cidade que perdurou até à invasão dos Ávaros, no fim do séc. vi. Conhecido arqueologicamente a partir do séc. xix, foi o seu estudo relançado, com escavações sistemáticas, depois de 1972. São os primeiros resultados dessa investigação que este I tomo apresenta.

Conimbriga, 23 (1984), 207-227

Escrito em Búlgaro, o volume tem resumos em Francês, o que — juntamente com a profusão das ilustrações — o torna acessível aos investigadores da Europa ocidental.

Yelizar Velkov assina o 1.º artigo acerca da situação, estudos e fontes para o estudo de Cabylé. Os demais artigos — devidos à pena de diversos investigadores búlgaros — versam aspectos arqueológicos (escavações na basílica n.º 1 e nas necrópoles trácias em torno da cidade) e alguns conjuntos do espólio encontrado: a cunhagem de moedas de bronze na época helenística, as moedas achadas, 138 marcas de ânforas, o conteúdo dum vaso em bronze, avançando-se inclusive um estudo antropológico.

O vaso, em jeito de busto de sátiro, deve ter contido azeite aromatizado para ungir o corpo antes das competições desportivas.

A análise dos 53 esqueletos, eventualmente sepultados em tempo de paz porque há a mesma proporção entre os dois sexos, revelou que se trata muito provavelmente de gente de raça mediterrânica, com uma média de vida de 41,5 anos.

As marcas de ânfora documentam as relações comerciais com as ilhas do Mediterrâneo oriental, relações cujo apogeu se situa em meados e na 2.ª metade do séc. m a.C., como aliás o comprova também o estudo numismático. Em 80-70 a.C., os Romanos tomaram a cidade, alterando as relações sócio-económicas.

Bastantes desenhos e fotografias — algumas de muito boa qualidade — ilustram os temas tratados.

É, em suma, o tipo de trabalho monográfico, concebido e realizado em equipa, cujo elevado interesse histórico nos parece desnecessário sublinhar.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Enrique FLÓREZ, *La Cantabria*. Ediciones de Librería Estudio, Santander, 1981. Introdução e comentários de Ramón Teja e J. M. Iglésias-Gil. 322 pág.

Ainda não estará completamente feita uma história crítica da historiografia da Antiguidade Clássica. E valeria a pena debruçarmo-nos de novo sobre os nossos autores desde a era de Quinhentos até quase aos nossos dias, de forma a detectarem-se, num âmbito de história cultural e das mentalidades, as opiniões vigentes ñas diversas épocas acerca dos Romanos e seus costumes e façanhas em relação com a História Pátria.

Entre nós, desde um André de Resende há toda uma série de escritores (Frei Bernardo de Brito, Manuel Faria e Sousa...) cujas páginas sobre a antiguidade de Portugal nos deveriam merecer mais do que um ingénuo sorriso condescendente. Haveria que estudá-las e divulgá-las até, na medida em que tais volumes, pela sua antiguidade, se tornam cada vez mais inacessíveis mesmo ao estudioso.